

UM RETRATO MULTIFACETADO DE GRACILIANO RAMOS

RAMOS, Graciliano. *Conversas*. LEBENSZTAYN, Ieda;
SALLA, Tiago Mio (Orgs.). Rio de Janeiro: Record, 2014.

Erick Bernardes¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O livro de entrevistas e depoimentos *Conversas*, de Graciliano Ramos, é uma coletânea organizada pelos pesquisadores Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla. Doutora em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP, Lebensztayn fez ainda pós-doutorado no IEB-USP. É autora de *Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis*, São Paulo: Hedra, 2010. Já Salla é Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, publicou na mesma instituição *O fio da navalha: Graciliano Ramos e a revista Cultura Política* (2010) e organizou o livro *Garranchos* (2012), publicado pela Editora Record.

Em único volume, os dois organizadores reúnem 25 entrevistas, 20 enquetes e depoimentos, além de 19 “causos” publicados em diferentes periódicos durante a carreira do autor de *Vidas secas*. Enriquece o trabalho um conjunto de fotos e notas *fac-símiles* veiculados em jornais, revistas, livros e manuscritos, retratando parte da trajetória do intelectual nordestino. Não obstante a contribuição salutar à fortuna crítica do escritor alagoano, o livro conta com um prefácio dividido em mini seções, no

1. Resenha elaborada para o projeto de pesquisa “Viagens reais e imaginadas: história, ficção e autobiografia”, do Programa de Estágio Interno Complementar da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ), coordenado pelo professor doutor Paulo César Oliveira.

qual é montado um arcabouço contextual compatível com a seriedade da pesquisa documental dos seus organizadores.

Ao dar continuidade à série de publicações iniciada com *Garranchos* (2013) e *Cangaços* (2014), *Conversas* atende à demanda não só de estudiosos e pesquisadores do campo literário, mas a todos aqueles que se interessam pela vida e obra do político e crítico Graciliano Ramos. Acrescido de notas bibliográficas ao final de cada pequeno capítulo, suas seções trazem à tona facetas pouco conhecidas do cotidiano do autor de *Infância*.

Na seção de “Entrevistas”, vemos a figura pública de Ramos manifestar-se sobre assuntos que vão desde opiniões acerca de obras literárias de escritores anteriores e contemporâneos seus até assuntos relativos à Segunda Guerra Mundial. Para aqueles que o entrevistaram, a ressonância da voz analítica do entrevistado evidencia o lado crítico de quem conhece o panorama histórico e literário da sua época, mas também denota o homem Graciliano na intimidade e seu lado psico-afetivo mais latente, alternando momentos de humor, ironia e introspecção.

No espaço destinado às “Enquetes e depoimentos”, a ênfase recai sobre uma variedade de assuntos, como a Copa do Mundo de 1938, a preferência literária por Anatole France e questões políticas, ligadas ao partido PCB. No capítulo que serve aos “Causos”, vemos a comicidade prevalecer, pois seu viés satírico destoa daquela visão taciturna e ensimesmada, sobre a qual tradicionalmente foi pintada a imagem desse artista nordestino. Casos engraçados e anedóticos têm como alvo a situação do escritor no Brasil, a ironia fina concernente à imposição da força do poder e a autocrítica debochada acerca dos seus próprios livros. Enfim, uma miríade de fatos curiosos em situações corriqueiras, nas quais Graciliano Ramos varia a sua fala, alternando ora o discurso de intelectual e figura pública, ora o de homem comum em diálogo simples e despretensioso.

Como bem apontado por seus organizadores, o termo que melhor refere o conjunto de textos coligidos em *Conversas* é a metonímia. As três

“macrodivisões” que compõem o volume “proporcionam aos leitores atuais um panorama histórico, político, jornalístico e artístico da primeira metade do século XX” (LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 39). Se por um lado suas seções seguem uma diretriz cronológica coeva à vida e obra de Ramos dentro de cada divisão, por outro lado suas partes não suscitam ordens temáticas ou formais quaisquer que sejam, e tampouco estabelecem parâmetros com vistas a compor um perfil completo e acabado do homem Graciliano. O que se apresenta é um retrato multifacetado, “um belo painel”, indiscutivelmente diferente daquele que prevaleceu sobre a personalidade do autor de *Memórias do cárcere*.

A modéstia do escritor exigente e autodidata dizia muito do caráter intelectual refinado que lhe era peculiar. Em um “Inquérito” concedido ao Jornal de Alagoas, ainda com dezenove anos incompletos, aquele que viria a receber alcunha de “Velho Graça” já esboçava posicionamentos críticos que iriam tomar contornos realistas ao longo do seu projeto poético, e apontava modos de atuação artística emblemáticos que o fariam “contribuir” salutar das narrativas de viés regionalista. Ramos argumentava não ser um “literato” relevante, pois suas “ideias tinham pouco valor”, e de literatura pouco conhecia. Porém, segundo Wander Miranda (2004, p.13), apesar da modéstia, “de todo o grupo, o autor de *Vidas secas* é, sem dúvida, o que mais avança no sentido de desmontar as estruturas de dominação literária, cultural e política, ao mesmo tempo em que confere a seus textos um valor artístico efetivamente inovador”.

Ao falar de sua preferência por Aluísio Azevedo, diante da impertinência do entrevistador, que pergunta pela terceira vez “qual dos artistas e literatos brasileiros é melhor? Por quê?”, Ramos, no limite da paciência e da tolerância, responde: “será preciso repetir quase integralmente o que já ficou dito no quesito n. 3. Prefiro Aluísio aos outros literatos brasileiros” (LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 55). No entanto, o alagoano não restringe sua opinião ao autor de *O cortiço*, pois acredita ser importante também

ressaltar, dentre outros nomes, os de Adolfo Caminha, Rodrigues de Melo, Luís Franco, e, sobretudo, o escritor naturalista português Eça de Queirós, sendo este último influência declarada e justificada pelo autor de *Angústia*. Em referência ao romancista lusitano, o ex-prefeito de Palmeira dos Índios admite preferir a “forma sincera” ao discurso velado, pois cumpre posicionar-se “verdadeiramente” no campo literário e, consequentemente, no espaço cultural brasileiro. Assim, de maneira sintética e “enxuta” com que depõe a vida e a obra de Graciliano Ramos, *Conversas* põe em voga, coerentemente, manifestações estéticas que abarcam aspectos que vão desde o discurso literário até opiniões informais, transitando entre o escritor, a obra, o campo literário e situações corriqueiras do cotidiano. É todo um levantamento de textos inéditos em livro acerca da vida pessoal, política e artística desse sertanejo da palavra “enxuta”.

O percurso que vai da vida à obra ou da obra rumo à vida do escritor (MAINGUENAU, 2001, p. 46), quando comparado aos textos reunidos em livro por Lebensztein e Salla, mostra a substancial importância da história da imprensa nacional, pois permite ao leitor ter uma noção panorâmica acerca do ambiente jornalístico do Brasil no século XX. Em entrevista feita para *O cruzeiro*, José Condé nos aponta o início do percurso do escritor que já não é mais aquele rapaz de dezoito anos “aproveitando seus momentos de folga para escrever [...] um rapaz inútil fadado ao fracasso na vida” (LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 83). O seu foco de atenção mira eventualmente o moço Ramos, “inadaptável ao meio estranho da capital do país”, em busca de emprego nos jornais cariocas, à procura por um espaço no cenário intelectual. A ênfase dada por Condé vai além de um simples interesse estético literário, sua reportagem é o início de uma série de publicações, as quais têm como alvo aspectos daquela atividade que inscreveria o autor de *Vidas secas* na existência social. No intuito de atender à demanda de um público consumidor, não só *O cruzeiro*, mas também a *Revista Manchete*, *A Gazeta*, *Revista do Globo*, *Diário Popular*,

Tribuna Popular, *Folha da Manhã*, dentre outras revistas e jornais, incluindo periódicos internacionais, visavam particularidades biográficas do artista nordestino que o inscreviam no campo literário, naquela “rede invisível” que, segundo Dominique Mainguenu (2001), “atravessa as divisões sociais” e canônicas, atraindo muitíssimo os consumidores da sua época.

A preocupação dos organizadores de *Conversas* com o enquadramento social do ilustre filho de Quebrângulo deixa claro a rejeição do escritor aos exageros utópicos modernistas que serviriam de instrumento ao fascismo: “Pode anotar, também, não gosto de fascistas”. Declarações enfáticas de denúncia e protesto de Ramos às atitudes opressoras evidenciaram certos ritos de escrita (MAINGUENAU, 2001). Esses tipos de declarações, segundo Aides Jose Gremião Neto (2014, p. 4), aproveitando as ideias de Mainguenu (2001), trazem à superfície discursiva certos “ritos de escrita” ou “ritos genéticos” cujas marcas estão presentes na escolha de cada autor, “que reconhece as influências e as incorpora a seu estilo próprio”, ou seja, fatores que “embora extratextuais, são análogos à fase de produção do objeto literário” (NETO, 2014, p. 4). Nesse sentido, o conjunto de textos coligidos em *Conversas* permite ao leitor conhecer um pouco do posicionamento crítico do autor de *Caetés*, por meio das inter-relações postas em relevo pela seleção dos textos do volume aqui apresentado.

Assim, as “Enquetes e depoimentos” apontam também para opiniões, em que Ramos discordaria das extravagâncias modernistas, pois estas desviavam-se sobremaneira da realidade do povo. A “arte pela arte”, dizia ele, era a enunciação da mediocridade que levava à estagnação da nação. Porém, concordava que a revolução operada pela Semana de Arte Moderna fez pelo menos “um serviço: limpar, preparar o terreno para as gerações vindouras” (RAMOS, 2014, p. 132), caso contrário o próprio José Lins do Rêgo teria o seu espaço restrito no meio literário. Opinião que, em “Cartas ao Brasil”, entrevista concedida ao português Castro Soromenho para o *Diário Popular*, Ramos por si só já depõe a favor da escrita sem exageros

ideológicos, tendo em suas declarações um modo de atuação intelectual contrário à “liberalidades” e extravagâncias assumidas pelos Andrades e cia. Em boa síntese:

Mas a verdade é que, sem saberem escrever, trouxeram qualquer coisa de novo à literatura brasileira. Meteram-se pela sociologia e economia e lançaram no mercado romances causadores de enxaqueca ao mais tolerante dos gramáticos. Foi um escândalo. Mas estavam ali pedaços do Brasil, e isso já era alguma coisa de importante. A literatura enriquecia-se de novos assuntos, novos problemas, nova vida, mas tínhamos que lastimar a maneira absurda e inclassificável como se escrevia. E este foi um grande mal. As barbaridades foram aceitas, lidas, relidas, multiplicadas, traduzidas e aduladas. Havia uma pureza e uma coragem primitivas nos escritores da arrancada, e daí o êxito dessa literatura. Porém, a sua decadência começou cedo, porque se perderam essas qualidades. Começaram descrevendo coisas que viram e acabaram descrevendo coisas que não viram. E, por desgraça nossa, a maioria não aprendeu a escrever. Raros são os que estudaram os problemas e a língua (RAMOS, 2014, p. 216).

Ao adensar ainda mais o viés paratópico do homem cultivador de “boa prosa” que foi Graciliano Ramos, Salla e Lebensztayn, na terceira parte do livro em questão, transcendem a dimensão da imagem de escritor reservado. Em “Causos”, as circunstâncias das “conversas” apresentam-se de modo comparável aos cafés e salões dos séculos XVII, XVIII e XIX. A livraria José Olympio era palco, dentre outras coisas, de pré-difusões de obras de um círculo de intelectuais pelo qual transitavam Aurélio Buarque de Holanda, José Lins do Rêgo, Amando Fontes e outros mais. Destaca-se

também um fato curioso narrado em “O pouso do morcego”. Quando certa vez na rua, em “frente dum café onde habitualmente” se reunia o grupo de escritores, um incerto morcego decidiu pousar no ombro do ex-prefeito de Palmeira dos Índios, servindo de comparação com o corvo, da obra homônima de Edgar Allan Poe (LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 339), sendo portanto, o inusitado do acontecimento merecedor de integrar as páginas de *Conversas* (2014).

Encontramos aqui, talvez, outros ângulos para falar do artífice da palavra que foi Graciliano Ramos, de “caráter a um tempo literário e político” (LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 9), isto é, um panorâmico olhar multiforme do profissional engajado, com fotos e fac-símiles de notas de jornais, revistas e manuscritos que ilustram bem o ambiente literário por qual ele transitou. Dessa maneira, cada entrevista, caso, enquête ou depoimento, “a seu modo, permite iluminar facetas pouco conhecidas, ou, até então, obscuras” (SALLA, 2012, p. 61) do artista, postas em relevo por Salla e Lebenszteyn. A obra interessa tanto a estudiosos do meio jornalístico e literário quanto àqueles que buscam saber um pouco mais sobre a vida e a obra do escritor. Enfim, fica-se com a imagem, não só do profissional em seus vários estados de espírito, mas, acima de tudo, de homem que tinha sob o crivo da “autoanálise sem complacência [...] no plano dos atos, um traçado límpido e nobre de comportamento” (CANDIDO, 2012, p. 79), sem excessos ou exageros ideológicos que viessem obscurecer seu modo de “ser-estar” no mundo.

Referências

- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004.

NETO, Aides Gremião. O escritor no campo literário: um estudo das crônicas de Milton Hatoum. *Alumni: Revista Discente da UNIABEU*. Nilópolis, RJ: UNIABEU, v. 2. n. 4 agosto- dezembro, 2014.

RAMOS, Graciliano. *Garranchos*. SALLA, Thiago Mio (Orgs.). Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. *Cangaços*. LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Orgs.). Rio de Janeiro: Record, 2014.

Recebido em: 05/08/15

Aceito em: 28/08/15